

LITERATURAS ERÓTICAS COMPARADAS.
 A PARTIR DE *MOQUECA DE MARIDOS*.
MITOS ERÓTICOS

*Michèle Bompart-Porte**

*Tradução: Paulo Roberto Ceccarelli***

RESUMO

Uma coletânea de contos recentemente publicada em língua francesa evoca de maneira muito agradável as culturas eróticas de seis populações indígenas da Amazônia. Sua apresentação permite observarmos nossa cultura erótica de um ângulo inédito. Os índios da Amazônia atribuem ao erotismo oral uma importância análoga, assim nos parece, à que nós atribuímos ao erotismo sádico por eles negligenciado. Isso transforma toda a cultura (sexual). Assim, os contos mostram as singularidades da nossa própria cultura (sexual) e nossos modos particulares de elaboração, dentre outros, da diferença sexual, da posição fálica e do narcisismo.

Palavras-chave: contos eróticos; culturas sexuais; sadomasoquismo; oralidade; filosofia de natureza.

* Psicanalista; Professora de Psicologia Clínica, Université de Bretagne Occidentale.

**Psicólogo; Psicanalista; Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris VII; Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Membro da *Société de Psychanalyse Freudienne*, Paris, França; Sócio de Círculo Psicanalítico de Minas Gerais; Professor Adjunto III no Departamento de Psicologia da PUC-MG.

ABSTRACT

COMPARATIVE EROTIC LITERATURE

A compilation of stories recently published in French reminds us in a very pleasant manner of the erotic cultures present in six Amazon indigenous populations. Its presentation allows us to observe our erotic culture from a different angle. We postulate that Amazonian Indians attribute oral eroticism a similar importance than the one we offer sadistic eroticism, neglected by their own culture. This transforms all of (sexual) culture. Therefore, these stories show the singularities of our own (sexual) culture, as well as our particular ways of elaborating sexual difference, phallic position and narcissism.

Keywords: erotic stories; sexual cultures; sadism-masochism; orality; nature philosophy.

Betty Mindlin é uma antropóloga brasileira. Em 1997 ela publicou *Moqueca de maridos. Mitos eróticos*, obra cuja tradução francesa apareceu em 2005. A parte interna da página de título acrescenta à obra de B. Mindlin “narradores indígenas”, co-autores, cujos trinta e três nomes são enumerados mais adiante – tais nomes parecem ter sido criados segundo a tradição ocidental, mas mencionam, no lugar do sobrenome, o grupo a que pertencem: Jabuti, Macurap, Arua, Ajuru, Tupari, Arikapu. Estes são, na realidade, os seis povos (segundo a tradução francesa proposta por Mindlin) de onde se originam os narradores e os sessenta e seis contos que compõem o âmagô da obra.

Os povos correspondem, entre outras coisas, às línguas. Assim, a obra francesa é o resultado de uma cascata de traduções. A maioria dos narradores são personagens idosas, que contaram as histórias em uma das seis línguas indígenas. As narrativas foram gravadas, arquivadas, por vezes transcritas, depois traduzidas por indígenas mais jovens e bilíngües, ou multilíngües – em alguns casos, houve tradução simultânea. Mindlin (1997) chama a atenção, além disso, para a reescrita pessoal.

Este material é apresentado como uma das maneiras possíveis de escrever, não como um modelo; seria desejável que outras for-

mas de escrita surgissem mais tarde. Um dos objetivos deste e dos outros livros de mitos que estou publicando é que sirvam de material de leitura num programa de professores indígenas (Mindlin, 1997: 20).

E, mais adiante:

Outras traduções são possíveis através das gravações e da transcrição originais; espero que o trabalho seja feito por muitas pessoas, com outros narradores das mesmas histórias. É claro que o estilo reflete minha própria maneira de escrever e com frequência há uma espécie de tradução cultural, necessária para familiarizar o leitor com aspectos da vida indígena. Procurei também, dentro de minhas parcas habilidades, dar uma forma literária e não literal à tradução, o mais fiel possível ao texto (Mindlin, 1997: 293).

Em certo sentido, o tradutor francês da obra, Jacques Thiériot, responde em parte ao pedido de Mindlin. Considerando que a “intenção didática” da antropologia não necessita ser mantida e, aparentemente, bom conhecedor das narrativas dos índios da Amazônia, ele reivindica sua “maneira de escrever” os contos.

Com efeito, encontramos na transcrição para o português o sabor e a simplicidade dos contos populares, mas não exatamente esta forma, ao mesmo tempo, eu diria, ingênua e crua, de falar de sexualidade que os índios da Amazônia possuem, com um vocabulário muito colorido. Tive, então, a necessidade de ir além do limite imposto pela transcrição, à primeira vista amaciados, recorrendo, por exemplo, como os indígenas, ao repertório de frutas e legumes amazonenses, chegando até a inventar palavras (Thiériot em Mindlin, [1997] 2005: 17).

E um pouco mais adiante, após testemunhar seu júbilo em criar palavras, o tradutor continua: “Por exemplo, ‘fazer sourouk’ não é mais autêntico, mais saboroso, mais agradável que ‘fazer amor’,”

lá onde o texto português propõe uniformemente *namorar*? Inversamente, me permiti utilizar alguns termos do vocabulário libertino francês escolhido por sua simplicidade natural” (Thiériot em Mindlin, [1997] 2005: 17).

Lendo estas apresentações, depois de haver degustado todos os contos, pergunta-se se a forma de liberdade que testemunham nossos dois relatores – chegando a antropóloga a desejar o espaço para outras leituras possíveis – não reflete um dos efeitos dos contos e dos narradores. Como se contar com tanta simplicidade os prazeres e os desprazeres que experimentamos tentando “fazer *sourouk*” descrevesse os descaminhos tragicômicos aí encontrados, ou imaginados – por exemplo, os animais se transformam como querem os humanos para serem encontrados em forma de amantes maravilhosamente potentes e bonitos, ou em amantes dóceis e sensuais, mas, em seguida, que tragédia! –, em resumo, como se a palavra utilizada para falar das sortes e desgraças do namoro se propagasse e ganhasse o pensamento e a escritura dos relatores (Seria esta a razão da ambigüidade de nossos “libertinos”? Existe uma solidariedade profunda entre a liberdade para falar de nossos sexos, de nossos corpos, de nossos confrontos sexuais reais ou imaginários, e a liberdade de pensar? Somos tentados a crer nisso...).

Deixemos abertas estas questões, esperemos que a liberdade de palavra tenha também nos ganhado, e vamos devorar estes contos de novo. Digo devorar, pois nossos professores indígenas de sexualidade e de falar sexual cultivam, incessantemente, o comer, chupar, experimentar, absorver, mastigar... até mesmo, segundo a preferência, seus parceiros sexuais ou os pedaços destes, com o relar, namorar, fazer *sourouk*, roçar a pele, dominar, acariciar, etc.

Eis um trecho de *O amante Txopokod e a menina do pinguelo gigante* para introduzir o leitor ao sabor destes relatos. Trata-se de uma jovem que “que não gostava nem um pouquinho do marido”, situação inaugural de vários contos. “Vivia espiando os rapazes da aldeia. Era graciosa, andava leve como uma corça, parecia estar sempre dançando, e não lhe faltavam candidatos a namorados”. Um dia

ela se encontra por acaso “com um dos guerreiros mais valentes” enquanto colhia frutas na floresta e ei-los “rolando no chão entre as folhas, brincando e ardendo”. A relação continuou, com os inconvenientes dos encontros ao ar livre. Além dos gravetos que picam e os bichinhos que mordem, as crianças, sempre atentas, podem falar sobre eles na maloca. A jovem sonha em receber seu amante em sua rede. Ora,

Um dia, já quase deslizando de sono, ela sentiu mãos que a acariciavam. Começaram pelo rosto, de leve, os dedos desenhando com ternura seus olhos, nariz, boca, faces e pescoço. Foram descendo sem pressa, demoraram-se nos seios e nos bicos dos peitos. Ela se lembrou dos gestos do namorado nas escapadas raras demais e ficou caladinha, morta de medo que alguém os interrompesse. Os dedos dos braços misteriosos que haviam atravessado a parede de palha bolinavam e puxavam o pinguelo, enfiavam-se ousados como se fossem uma lança masculina. Ela estremeia em sóis de prazer, procurava tocar o corpo do amado, deseja de retribuir o dom da magia noturna, mas só encontrava a lisura dos braços, doces como polpa de pariri.

Daí em diante, todas as noites a jovem espera seu amante que “sabia usar as mãos” puxando-lhe “carícias de fogo”. Entretanto, “dia a dia, a moça foi percebendo que seu pinguelo vinha crescendo. Vivia repleta de satisfação erótica mas aquele pedacinho tão pequeno, tão impercebível aos outros mesmo na nudez da aldeia, começava a perturbá-la”. O conto passa ao cômico, pois o pinguelo se alonga, se alonga, a ponto de arrastar-se pelo chão. Segue-se, então, a epopéia do combate da aldeia unida contra o Txopokod que, apoiado por seus companheiros, se faz passar pelo amante. Acontece que se a escuridão perdura estes espíritos destroem toda a aldeia em pouco tempo. Escondem-se de noite; cortam o braço do culpado e lançam-no na panela. Mantenha-se o fogo! O braço não cozinha. Transportam-no para um pilão de pedra para pulverizá-lo. Nada acontece! Entretanto, o fogo deve manter-se acesso para que os homens não

morram devorados, e todo o milho e a mandioca da aldeia são utilizados. Porém uma noite já durava três dias. Como recurso final, os aldeenses jogaram o braço no terreiro. O Txopokod o apanha e o gruda outra vez no próprio corpo. Depois, corre para se refrescar – é a partir daí que os igarapés da região ficam quentes. Liberados da ameaça dos Txopokod, os aldeenses “cortaram o pinguelo da mulher e o jogaram dentro d’água – virou poraquê, o peixe elétrico” (Mindlin, 1997: 32). A vida retoma seu curso, e o narrador conclui se perguntando se a jovem reencontrou seu amante.

É difícil evitar a audácia ao se comentar a narrativa diretamente, ainda que na vertente psicanalítica. Justifica-se, então, fazer um desvio e verificar se nossa literatura clássica ofereceria relatos equivalentes – sabendo que dispomos de contos populares eróticos. Pensamos imediatamente em La Fontaine, com Bacacio e Brantome. Mesmo se tratando de uma literatura erudita, ela é bastante conhecida. Na mesma linha, podemos pensar certas versões do *Roman de Renart*, em Aretino, em determinados capítulos de Ariosto ou de Rabelais. A comparação entre estes clássicos eróticos europeus e os contos indígenas esclarece os prazeres particulares que os últimos nos reservam.

Como já vimos, o universo dos contos indígenas é muito atento aos prazeres – tanto os dos homens quanto os das mulheres. Ele se esforça para descrevê-los, ou mesmo estudá-los em detalhes. Acima de tudo, as análises são cuidadosas. O tom dos narradores e o dos contos são despojados das inúmeras nuances e variantes da animosidade que acompanham incessantemente os relatos eróticos ocidentais – da ironia (La Fontaine) ao desdém caracterizado (Aretino), passando por todo tipo de variação sobre a sátira cruel (*Roman de Renart*, Rabelais)². Os objetos destes diversos traços de animosidade mais ou menos mitigados são as mulheres – mas os ataques dos quais elas são alvos atingem o relato como um todo. Assim, é quase impossível ler um conto erótico ocidental clássico cujo fundo e referência fundamentais não sejam sadomasoquistas. Enfim, trata-se sem-

pre de posse, de controle e de domínio, ou seja, de relações de poder, tratadas a partir do registro sádico-anal.

Apenas uma obra, dentre as consultadas, escapa a este estilo – na verdade, trata-se, antes, de uma metafísica disfarçada do amor; ela é completamente mergulhada no pecado original, na pretensa culpa atribuída à Eva e em outras coisas do mesmo gênero. Ela se manifesta, também, em ataques provocadores contra o deus cristão. Todo tipo de deslocamento, transposições e outros correlatos seguem estas premissas. A obra excepcional se intitula *A escola das meninas ou a filosofia das senhoras*, dividida em dois diálogos (Millot, [1655] 1998). Proibida antes mesmo de sua publicação (denunciada pelo editor), seu autor, Michel Millot, foi condenado a “ser enforcado em um cadafalso colocado no mesmo local onde os exemplares serão queimados”, além de a uma multa de oitocentas libras. Isto se passou no ano da graça de 1655, em Paris. O senhor Millot escapou à justiça fugindo e se refugiando. Ele se beneficiou, em seguida, de altas proteções – Foucquet provavelmente, então superintendente das finanças, abafou o caso. Qual caso? Uma autêntica escola! Um manual elementar de erotismo destinado às jovens! Um relato, “ao mesmo tempo ingênuo e cru”, da iniciação de Fanchon, jovem de dezesseis anos e de boa família, aos prazeres do amor. Sua prima Suzanne, da mesma idade, mas mais avançada na arte do erotismo, é sua iniciadora. No primeiro diálogo, Suzanne submete a prima a uma lição de vocabulário a respeito dos órgãos sexuais, assim como a uma lição de anatomia sexual, antes de começar a lição de erotismo propriamente dita.

– Suzanne: este dispositivo, então, que os meninos utilizam para mijar chama-se *pênis* e, às vezes, é chamado de *membro*, *mancha*, *nervo*, *dardo* e *lança de amor*; e quando o rapaz está completamente nu, pode-se ver que ele fica dependurado abaixo de ventre como uma cabeça de vaca comprida, lá onde nós temos apenas um buraco para mijar.

– Fanchon: Oh, que maravilha!

– Suzanne: Além disso, há duas bolas embaixo, dependuradas em uma bolsa, que se chamam dois *bagos* – mas não se deve falar isso na frente de todo mundo – que têm a forma, quando se os toca, de duas grande olivas da Espanha; e tudo isto é contornado por um pêlo crespo, igual nas meninas, e que fica muito bem de se ver.

– Fanchon: Compreendo bem o que você me diz, minha prima. Mas, por que isso é deste jeito com os homens e a que isso serve? Não deve ser apenas para mijar, senão eles não seriam muito diferentes de nós.

– Suzanne: Veja, minha querida, é com isso que eles nos dão prazer...

Segue-se uma primeira descrição do ato sexual, sobre a qual:

– Fanchon: Estou muito impressionada que você me diga tudo isso, minha prima. Mas como se faz para que este dispositivo que é tão mole e flácido entre lá dentro? Deve-se empurrá-lo com os dedos?

– Suzanne: Ah, coitada, ele não fica mole assim quando acontece algo. Ao contrário, quando ele vê uma jovem, muda completamente e não parece mais o que era antes; ele cresce e fica a metade maior, fica duro e reto como um bastão. E, por ficar duro, como eu te disse, tem uma pele na ponta que se afasta em direção ao ventre e deixa à mostra uma cabeça que é feita como uma grande cereja vermelha, e que é muito agradável de se tocar.

– Fanchon: E quando ele fica duro, com você explicou, é aí que ele entra no buraco da menina?

– Suzanne: Isto mesmo, pois não poderia ser de outro modo. Mas aí existe um novo prazer de ver o trabalho que dá para fazê-lo entrar, pois ele não entra de uma vez, como você poderia imaginar, mas aos poucos... (Millot, [1655] 1998: 1125-1126).

Após a descrição detalhada e prazerosa da introdução, seguida dos gestos e ruídos que conduzem ao orgasmo, Millot (Suzanne) explica as diversas posições possíveis. Enfim, Suzanne relata com

prazer uma parte do que viveu recentemente com o amante. No segundo diálogo, Fanchon conta à sua prima seu feliz defloramento, com seu amante, antes platônico, seguido de alegres confrontos com ele. De início, ela explicou sua surpresa e prazer:

Minha prima, coisa estranha: desde que Robinet passou a noite comigo e que eu senti e vi as coisas, e examinei as razões, tudo aquilo que me dissera minha mãe não me parece mais do que bobagens e estórias para agradar criancinhas. E como! Parece que a única razão de sermos meninos e meninas é essa, e que só se começa a viver no mundo depois que se o aprende, e que se o experimentou; e que tudo aquilo que os meninos e as meninas fazem, tudo o que pensam, tudo o que dizem só serve para isso. Quanta hipocrisia e quanta dureza dos que querem impedi-lo! Antes, eu só servia para ficar quieta e calar-me, e agora eu sirvo a tudo que queiram de mim. Quando falo com minha mãe, defendendo minhas idéias e discuto como se fosse outra pessoa, em vez de, como outrora, nem ousar abrir a boca. Tudo que diz respeito a isso, começo a pegar o jeito... (Millot, [1655] 1998: 1150).

Parece que Molière teria lido *A escola* de Millot – distribuído entre a boa sociedade parisiense malgrado a proibição – antes de criar *A escola dos maridos* (1661) e, em seguida, *A escola das esposas* (1662). Embora o amor aí evocado seja bastante atenuado... e fica-se imaginando que *A escola das meninas* esteja no programa de ensino de *nossas* escolas. Como não existem mais fogueiras, qual seria a condenação no ano da graça de 2007?

De modo explícito, Millot ([1655] 1998) convida muitas vezes suas jovens leitoras a considerar apenas os prazeres do amor e a abandonar-se a eles o mais breve possível e com entusiasmo. O erotismo que ele propõe é, além disso, uma autêntica forma de comunhão de prazeres e de gozo entre homens e mulheres, pois Millot é ateu e materialista. Ele apresenta uma tolerância total em relação à sexualidade. Ele não negocia com Deus nem na versão neurótica das culpabilidades mais diversas, nem na versão perversa das injúrias a

um deus inexistente (em ambos os casos a base fundamental seria o registro narcísico). Seu pequeno tratado de erotismo para moças jovens, “filosofia de senhoras” – e de senhores também, ao que tudo indica –, estaria no mesmo nível dos contos indígenas³, embora os últimos não sejam apenas propedêuticas aos prazeres sexuais. Eles se interrogam, igualmente, sobre os descaminhos que conduzem, de forma tão freqüente, o amor entre os humanos. Enfim, eles deixam à imaginação o lugar privilegiado que ela ocupa neste assunto.

“Naquela época, tudo o que se dizia acontecia de verdade” (Mindlin, [1997] 2005: 196; tradução nossa) e, ainda, “naquela época, os animais eram gente” (Mindlin, [1997] 2005: 31; tradução nossa). Eis os resultados que Freud obteve após bastante trabalho, e que os índios da Amazônia conhecem “desde sempre”. O sexual alimenta-se do infantil. É aí que ocorrem os processos primários. Além disso, os animais podem ser nossos semelhantes. Vejamos como estes fatos se revelam em um conto chamado “A rainha das abelhas”.

Colhendo mel na mata, um jovem celibatário, há muito sem ter estado com uma mulher, gritou ao ver uma abelha: “Que abelha linda, se esta abelha virasse mulher, seria linda! Queria que virasse para ser minha mulher!”. A abelha vira, de fato, uma bela mulher. Quando a noite cai, ela sai da mata, junta-se ao jovem na sua maloca e o acorda:

- Quem é você?
- Eu é que pergunto a você.
- Não!
- E como é que você falou no mato, quando tirou o mel?
- Eu falei com a abelha! Disse que se ela virasse mulher seria bonita, a chicha que faria seria doce!
- Pois sou eu mesma! – e deitou com ele. Dormiram juntos.

Aceita pela família do rapaz, a jovem mulher abelha prepara uma chicha excelente. Entretanto, ela explica que a chicha deve ser tomada bem devagarzinho, senão ela mata. Os que bebem aceitam o aviso e apreciam com prazer a chicha, mas, logo, o sogro ávido bebe

depressa. Ele morre. Considerando que ela é a responsável pela desgraça, a mulher abelha volta para a floresta. Seu marido “a ama muito” para aceitar esta separação. Ele parte com ela. Instalados em um árvore de mel, os dois transformam-se na rainha e no rei das abelhas.

Esta história simples traça a doçura do mel, a da chicha e a de fazer amor, com morte e separação. Morte do pai do herói cuja gula leva a pensar em um incesto com a nora. A preparação da chicha na qual as mulheres mastigam os grãos de milho é uma criação das mulheres por excelência – criação de sua boca e saliva – que é dada a seus homens e às crianças. Em alguns contos, todas as mulheres partem, ou morrem, e seus companheiros solitários ficam sem namorar e sem a chicha que eles não sabem preparar de maneira certa. Preparar a chicha e namorar são a mesma coisa, e cabem às mulheres. Igualmente, caçar e oferecer às mulheres a carne é, para os homens, um equivalente sexual. Assim, seria um pleonasmo lembrar que um mal caçador não tem mulheres ou que ele não as satisfaz. Muitos contos narram os expedientes que um mal caçador inventa para tentar manter a sua mulher (oferecer pedaços de seu próprio corpo no lugar da caça; furar os olhos para de lá tirar uma espécie de mel...). Os excessos, as faltas e os prazeres são expressos, ao mesmo tempo, com palavras de oralidade, e de genitalidade – vimos que o clitóris se chama “pinguelo”, segundo a boa tradução francesa.

Eis um outro exemplo, tema de muitos contos. Um casal se entende maravilhosamente bem, mas a inveja chega. Aí, a cabeça da mulher se separa cada noite do corpo e vai devorar toda a carne que ela consegue roubar. É claro que tudo termina mal quando, um dia, alguém que não o marido, se dá conta de que passou toda a noite abraçado com uma mulher sem cabeça. Segundo as narrativas, o corpo decapitado é rapidamente enterrado ou queimado. E, quando a cabeça volta, ela não encontra o corpo e acaba morrendo também – não sem antes perseguir o marido durante algum tempo.

O título da coletânea vem de um conto no qual um tipo de velha sereia, Katxuréu, seduziu todas as mulheres Macurap pela beleza de seus cantos, de suas danças e da música que ela toca na flauta.

Para continuar apreciando a música, e para aprender, as mulheres aceitam matar e cozinhar a cada dia um de seus homens – que elas consomem com a velha sereia. Logo os homens entendem a coisa. Emboscados em volta do lago, eles começam a matar todas as mulheres antes de chamar por Katxuréu, que quase os enfeitiça também. A velha cantou o mesmo que para a mulherada e os homens ouviram com êxtase. Queriam mais e mais, mas se lembraram do que acontecera:

– É lindo esse canto, vovó, mas você matou muitos homens, temos que nos vingar!

Katxuréu abria a boca, arreganhava os dentes e se gabava:

– Foi com esses dentes afiados que eu comi vocês, comi muitos homens!

Os dentes branquinhos luziam no meio da lagoa, quando um homem, com pontaria certa, atirou uma flecha na dentadura e quebrou-a. Mesmo assim a velha não morreu, continua viva até hoje (Mindlin, 1997: 46).

Duas jovens não tinham comido homem e esconderam-se. Elas não foram mortas, e foi assim que o povo Macurap sobreviveu. Entretanto, a “cantiga Koman”, ensinada pela velha Katxuréu, tornou-se um tesouro do povo⁴.

Seria fácil evocar uma “vagina dentada”... desde que se lembre que os homens devoram as mulheres também. Por exemplo, quando a jovem destinada a um homem recusa namorá-lo e o expulsa da rede, ou o homem a mata, dependendo do conto, a cozinha e a come, às vezes com os amigos – ou ele se contenta de cortar-lhe pedaços que, da mesma forma, serão cozidos e comidos, ou oferecidos à mãe da jovem.

O herói do conto “Djapé, o bico de flecha, o homem que comia as mulheres” tinha o hábito de casar-se com duas jovens. Ele as levava para a floresta, montava uma armadilha, deixava-as inconscientes e depois as matava. Ele as decepava como caça, as cozinhava e passava o resto do dia comendo-as. Finalmente, duas jovens irmãs

descobrem a armadilha e conseguem esconder-se. Djapé é obrigado a admitir o fracasso. Ele assenta-se, toca seu próprio corpo e se pergunta imediatamente se servirá para ser comida e logo corta um pedaço do braço.

Assou, comeu. Achou gostoso, cortou do outro lado, assou, comeu. Depois cortou um pedaço da perna.

– Como é gostoso! Estou com fome!

– E foi tirando carne do corpo todo. Cortou desde o pescoço até a barriga.

– Cortou tanto que já estava quase para morrer.

Entretanto, o dilapidador de donzelas era também um pobre, e mesmo bom, coitado. No momento de morrer, ele conta para as duas donzelas que tinham escapado e estavam escondidas por perto que ele vai se transformar em bico de fecha infalível, que matará imediatamente o alvo. Basta que o pai de vocês e seus parentes “alimentem” o local onde eu tiver morrido com bons pedaços de caça assada para que recebam tantas flechas infalíveis quantas quiserem. Pode-se, provavelmente, concluir que o dardo morde como a vagina...

Em um dos sonetos dos contos, a ligação do oral e do genital é provavelmente a história de uma jovem enfeitiçada pela rival: “a moça ficou doidinha. Queria namorar qualquer homem que passasse. Ficava excitada até com o pai, com o próprio irmão, perdera todo o pudor” (Mindlin, 1997: 132). A mãe, de tanta vergonha da filha – e medo de que ela se deitasse com o pai –, mudou-se para outra casa com a desavergonhada e com outra de suas filhas. Mas a pobre enfeitiçada continuou excitando... os animais da floresta.

Tianoá, o Bacurau, estava no alto de uma árvore, chupando fruta. A sua figura se refletia na água do rio. A menina, olhando a imagem, se entusiasmou:

– Ó homem bonito. Venha logo para a minha rede, você vai ver como vai gostar, nunca teve uma mulher como eu!

Olha para cima e viu Tianoá, o Bacurau, chupando cajá no galho. Insistiu outra vez para namorar.

Tianoá é feíssimo, é horrendo, mas ela queria assim mesmo, foi abrindo as pernas, implorou que a tomasse. Tianoá desceu para namorar, gostou, enquanto a irmã da moça fugia espavorida. A jovem assanhada volta para casa. Sua mãe e sua irmã se escondem. Ela ficou deitada sozinha, chamando, dizendo como o queria, que não agüentava mais.

– Por fim veio vindo Tianoá, entrando na casa velha. Tinha posto uma lamparina na cabeça, aproximou-se da rede da moça.

– Ele deitou na rede da moça, namorou de novo. A mãe olhava, morta de medo. Sabia que Tianoá era perigoso. Enquanto namorava, ia comendo a menina.

– Não me come, não! Namore direitinho, entre dentro de mim, isso é o que quero, ela gemia.

Tianoá começou a comer a perna dela [...].

O namoro-banquete continuava. Tianoá ia comendo pedaços da doidinha, que nem assim se cansava de namorar.

Enfim, a mãe e a irmã fizeram medo a Tianoá que deixou “a namorada pela cintura”. Ela ainda deu conta de falar enquanto fazia barulho de pássaro batendo asas:

– Tukutudu! Tukutudu! Estou com vontade de dar mais uma, de namorar, quero esse homem para me pegar!

Aumenta a maldição da mãe, que queria que a jovem, reduzida ao tronco e transformada em pássaro, fosse embora. Ainda assim, ela se preocupa com a mãe e a irmã e as guia na floresta. “Estava virando galega, os pedaços dela se tornaram pássaro. Foi embora cantando, batendo as asas, sempre querendo namorar”.

O furor de namorar levou a jovem da devoração à transformação em pássaro... que ela se tornou (outro tema muito presente nos índios: o investimento de objeto, como nós dizemos, leva sempre a uma identificação sistemática do eu).

Parece que a tonalidade oral das práticas sexuais (comer o outro, comer-se, ser comido pelo outro) cria uma relação bem mais igualitária entre os sexos que o sadomasoquismo – ainda que não se relate nos contos nenhuma mulher que se come. Encontra-se uma

situação de anorexia coletiva: trata-se das mulheres Jabuti que decidiram, um dia, deixar os maridos e, para isso, transformaram-se em pássaros. A transformação é necessária para o jejum.

De tanto mastigar os contos, acaba-se por compreender que, se eles reconhecem e ensinam a alteridade dos sexos, nunca existe uma diferença. Claro que a sexualidade perdeu sua versão idílica:

Antigamente os homens só namoravam as mulheres pela unha do pé. Elas não tinham xoxota. Era pelo pé que engravidavam, e por aí mesmo que tinham filhos. iam andando a pé pelo mato, descansavam, pariam pela unha. Não tinham barriga grande, nem dor durante o parto. Foi sendo assim muito, muito tempo (Mindlin, 1997: 71).

Mas um homem, Djokaid, apaixonado pela mulher do Coruja, Caburé, “fez nela um buraco, uma xoxota, e namorou do mesmo jeito que fazemos hoje. Desde então, ela passou a menstruar”.

Esta pequena história tem muito charme. Ei-la por inteiro. Depois, faremos algumas considerações. Antigamente, então, os homens só faziam amor com a mulher pela unha do pé... e era assim que as coisas se passavam há muito tempo.

Havia uma mocinha casada com Caburé, o Coruja, que nós chamaremos de Papoa, e naquele tempo era gente. O Caburé namorava a menina pela unha do pé. Ela não tinha nem xoxota nem peito.

Um homem chamado Djokaid ficou gostando da mulher do Caburé. Fez nela um buraco, a xoxota, e namorou do mesmo jeito que fazemos hoje. Desde então, ela passou a menstruar.

O Caburé saía noite adentro para apanhar borboletinha, que é a comida dele, para levar para a mulher. Enquanto isso, ela ia atrás do namorado.

O Caburé esparramava cinzas debaixo da rede da mulher, para seguir as pegadas se ela saísse escondida; mas Djokaid ia por cima, por uma corda, até deitar com a namorada na rede, não deixava nenhum rastro.

Caburé acabou por saber o que se passava, e ficou enciumadíssimo, furioso. Antes namorava a mulher pelo pé, agora havia essa novidade, que não o encantou nem um pouco. Só queria era se vingar de Djokaid.

Mandou fazer uma festa, uma chichada bem farta, e convidou o rival. Em segredo, pediu ao Morcego que embriagasse Djokaid durante a festa e contou-lhe a desfeita da invenção do namorado pela xoxota.

Dito e feito. Embriagaram Djokaid e, quando ele não se agüentava mais, tonto, jogado no chão, os morcegos chuparam o seu sangue, fazendo furinhos no corpo inteiro. Foi uma sangueira danada, manchas e poças pela maloca.

Desde então, as mulheres passaram a ter criança pela xoxota, e os partos começaram a doer. O peito da mulher do Caburé cresceu, as mulheres passaram a ter seios. As unhas do pé perderam o encanto anterior.

É tentador propor que o charme do dedão do pé e de sua unha sejam um fetiche, e que a “xoxota mal-vinda” indica os medos de castração finalmente encarados, como nos nossos livros. Mas há objeções. O encanto do dedão do pé é um valor conhecido de todos. Todos e todas usam-no; assim, não há nada em comum com a onipotência que caracteriza o fetiche, para quem dele faz uso. Por outro lado, Djokaid fura uma xoxota na mulher de Cabouré. Ela adquire um atributo a mais – embora inquietante! –, pois sangra a cada lua, e a sanção infligida no inventor o fere como um ralo⁵ com dentes. Mas furar não é separar.

Todos os contos confirmam: a oposição fálico-castrado – ter ou não, logo, ser ou não ser –, tão central em nossas tradições ocidentais, está ausente do pensamento dos contos. Como explicar isso? A xoxota, ainda que desagradável, não é algo que falta, é atributo e órgão. Assim, os amantes desprezados podem cortá-la como queiram para fazer moqueca.

O conto do homem que virou mulher é bastante explícito. Kero-opeho é um caçador que

mergulhou no rio para se banhar. Nadava debaixo d'água; nem percebeu que alguém, nunca soube quem, lhe arrancou o pinguelo e os ovos, pondo um sapo, igual a uma periquita de mulher, no lugar em que fora homem. Nem saiu sangue, não sentiu, não doeu; quando percebeu, ficou desesperado. Pôs-se a procurar sua pica debaixo d'água, nada de achar. Procurou na terra, até no céu procurou, tentando recuperar piroca e ovos. Sua mulher estava tristíssima, o marido tinha virado mulher (Mindlin, 1997: 178).

Ainda que Kero-opheo tenha perdido seus atributos viris – e a ausência de sangue pode ter o valor de uma presença de sangue –, a mudança em mulher implica que outros atributos lhe são conferidos. Além disso, a questão não é tão narcísica; trata-se mais de uma troca e Kero-opheo não pode mais satisfazer sua mulher. A seqüência do conto conserva o mesmo tema. Com efeito, ainda que o infeliz consiga uma “piroca qualquer”, que um espírito das águas lhe dá após ter-lhe tirado o “sapo-periquita”, ele continua impotente para satisfazer tanto sua mulher quanto qualquer outra, com sua pica “tamanho da de um menino”. E é por isso que Kero-opheo procura sem parar mulherzinhas bem meninas, que nunca namoraram, que eram apertadinhas para o seu “pauzinho”. Mas, logo que engravidavam do primeiro filho, elas o abandonavam e casavam “com outro homem de piroca grande”.

Como, então, entender alguns traços da cultura sexual dos índios?⁶... e olhar para a nossa sob outro aspecto? Oral *versus* anal seria um tema interessante. Mais precisamente, os mundos indígenas tratam o sadismo oral, o canibalismo e, por conseguinte, a ambivalência oral, de outra maneira que pelo recalque e deslocamento⁷. Morder, mastigar, babar, lambe, devorar, chupar – e até cozinhar⁸ – participam de investimentos apresentados como sexuais e agressivos no mundo indígena. Ora, tornar-se aquilo que se ama-devora (incorporação, introjeção e identificações sempre descritas nos contos) é uma semelhança. Tudo se passa como se o desdobramento da

oralidade conduzisse diretamente a uma forma de filosofia da natureza, onde humanos se parecem com outros animais, esvaziados da vaidade do narcisismo primário – que são agravadas pelos monoteístas. O mesmo tema canibal permite o reconhecimento da semelhança entre os dois sexos que se entredevoram com afeição: que haja guerra entre os sexos, mas com armas iguais.

Neste leque de oralidade, não se mencionam beijos. Seria esta uma prática muito ameaçadora? Isso nos faz pensar também nos Inuits, que não conhecem o beijo, pois a boca das mulheres é utilizada como instrumento: mastigar o couro das botas para esquentá-las na mão; lambe o bumbum dos bebês para lavá-los; mascar a pele da focas para amolecê-las; etc. Da mesma forma, a preparação da chicha talvez impeça que a boca seja uma zona erógena escolhida. Entretanto, a felação e o *cunnilingus* são praticados, como mostra, por exemplo, uma passagem de um conto no qual se narram os amores incestuosos de um irmão e sua irmã. A última fora transformada em jibóia pelo esposo que ela havia rejeitado. Seu irmão abriu um buraco e fez um poço de água perto da casa para a irmã ficar. Ele encontra uma árvore de jenipapo e faz uma tintura ainda desconhecida⁹.

Ao chegar à lagoinha, chamou-a com doçura:

– Mana, mana! Vim te visitar!

Ela demorou um pouco mas veio à tona; ele lhe mostrou a nova invenção, a tintura. Ela mandou que pusesse a tinta na sua boca, depois enfiasse um braço dentro dela.

– Vai entrando dentro de mim devagarzinho, na minha boca, vai deslizando que eu lambo você de leve com a língua e os dentes, você vai sair pintadinho, lindo e feliz!

– Quero que você me pinte no corpo todo, não deixe um pedacinho sem tocar, vou bem de mansinho!

Com os dentes, a irmã pintou-o de jenipapo com motivos maravilhosos. Primeiro um braço, depois o outro, passou para as pernas. Ordenou então que se pendurasse num galho e entrasse quase inteiro dentro dela, para pintar até o peito. Quando ela

terminasse, daria um sinal, e o irmão deveria urinar dentro dela – a única forma de ser expelido pela cobra.

Ele fez tudo como ela foi dizendo. Ia aproveitando a pintura, estremeando dentro da cobra, cuja língua sutil soltava afagos de jenipapo. No auge da felicidade, urinou – e saiu deslumbrante, prontinho para a chichada, a festa que ia haver naquela noite (Mindlin, 1997: 60).

História edificante de pintura na qual falta a analidade, tal como a entendemos, no jenipapo. Segundo os contos, a organização sádico-anal é, com efeito, condenada à recusa. *Pakuredjerui aoné, os homens que comiam seu próprio cocô, ou os homens sem mulheres* é um dos raros contos que evocam explicitamente o erotismo anal e, mesmo assim, sob a modalidade oral. Os homens Jabuti, então, comiam suas fezes com pamonha. Quando as mulheres descobriram esta prática, ficaram com nojo e decidiram ir embora – foram encontradas graças à abstinência que fizeram. Além disso, elas começaram a tomar rapé como os homens para virar pajés. Enfim, não pararam de tirar talo de ouricuri para fazer sabão. Como nos nossos livros, o investimento do sadismo anal suscita o contra-investimento da limpeza (esta é a única vez que se menciona o sabão a ser utilizado para limpar o corpo), assim como o uso de defesas através da ritualização (mijar, fumar e fazer jejum são as mais típicas). A continuação do conto é que todas as mulheres vão embora, transformadas em pássaros, exceto uma – como acontece sempre –, o que permitiu que o povo Jabuti sobrevivesse. O interesse pela analidade é, entretanto, recusado, quando não descrito como perigoso.

Outro modo de falar da coprofagia é pelo “cabeçudo(a)”, também chamado “Cabocharde” o “antipático”, etc. Trata-se do Teimoso: uma pessoa curiosa, obstinada, geralmente disposta a tudo para possuir um conhecimento, ou para saber como fazer algo (caçar, pintar) que outros possuem; ele os irrita até que o que queria lhe seja revelado. Já nas primeiras tentativas, ocorrem catástrofes e o povo todo perde o conhecimento ou a habilidade que deveria ser revelada.

No conto do Djapé, o ponta de flecha, por exemplo, um cabochard consegue do pais das jovens o método das flechas infalíveis. Desde então, os Arua devem, eles mesmos, talharem as próprias flechas e ficarem sujeitos aos infortúnios da caça.

A estigmatização do “Cabochard” e da “Cabeçuda” poderia instigar o pesquisador ocidental. A questão é que todos os investimentos sádico-anais – fezes, domínio, controle consciente, toda forma de ter e de posseção estável de objetos, obstinação, retenção – são recusados, ignorados, ou mesmo condenados. Um desinteresse manifesto pelos objetos enquanto tais cria, provavelmente, uma configuração diferente da nossa para o “conceito inconsciente”: *das Kleine*, seio, fezes, brinquedo, presente, bebê, pênis, dinheiro, homem. Talvez, a ausência de uma posição fálica explícita seja tributária disso, da mesma forma que a construção original da alteridade dos sexos, que não parece apoiar-se sobre uma diferença. Mas seria pretensão prosseguir a partir dos únicos contos que convidam, apesar disso, a reexaminar o canibalismo... neste tópico, a barbárie pode não ser aquilo que se crê.

No mais, os comentários de Mindlin (1997) acrescentados no posfácio trazem uma descoberta sinistra. Todos os grupos indígenas que criaram estes contos estão em via de desaparecimento¹⁰, ou bem próximo disso. Para a infelicidade deles, o território que ocupam é propício à cultura da seringueira e à edificação de grandes fortunas. Alguns ocidentais, ali instalados como grandes proprietários durante o século vinte, expulsaram os índios ou os transformaram em escravos para que sangrassem as seringueiras a fim de extrair a seiva. Os que não morrem pelo trabalho são mortos pelas epidemias, em particular a rubéola. Os raros sobreviventes habitam atualmente as “reservas indígenas”. Por pouco, teria sido tarde para registrar estas histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Millot, M. (1655/1998). *L'École des filles*. Paris: Gallimard Pléiade.
 Mindlin, B. (1997). *Moqueca de maridos. Mitos eróticos*. Rio de Janeiro: Record.

———. (1997/2005). *Fricassée de maris. Mythes érotiques amazoniens*. Paris: Métailié.

NOTAS

- ¹ “Pinguelo”, na linguagem oral em português regional de muitos narradores, é o principal ator amoroso do corpo humano, tanto masculino como feminino, além de ser gatilho de arma de fogo, e seu feminino – pinguela –, ponte sobre o rio, feita de tronco.
- ² A jovem com o grande pinguelo é, sem dúvida, apresentada como ingênua – crítica explícita que lhe faz a mãe, porque ela acreditava que seu amante se contentava apenas em acariciá-la –, ademais, o pinguelo enorme a ridiculariza. Entretanto, a mãe e a aldeia inteira são solidárias às suas desditas. Não há sinal de culpa. Parece claro que estes infortúnios, ou outros, poderiam acontecer com qualquer um na aldeia. Quanto ao marido que não a satisfaz e insatisfeito, o conto limita-se a dizer que a partir daí ele passou a ter medo de mulheres. (O código de conduta transmitido por estes contos indica que os maridos enganados podem atacar os amantes das esposas, mas não as últimas.).
- ³ Um erro surpreendente figura, entretanto, na *Escola das meninas* (Millot, [1655] 1998). A vagina – nome inusitado na época – “eu a chamo um *con*, e, às vezes, diz-se o *bas*, a *coisa*, o *buraquinho*, o *buraco peludo*, etc” (Millot, [1655] 1998 : 1126) – é inicialmente definida como “o buraco por onde a menina mijá” (Millot, [1655] 1998: 1124). Assim, o “pinguelo” dos indígenas é desconhecido: esta negação do clitóris deixa-nos perplexos.
- ⁴ Cantar não é comer, nem beber. Mas, como estas atividades se excluem, elas pertencem a um mesmo gênero, segundo Aristóteles. Além disso, os cantores são chamados de quebra-notas em linguagem familiar; pode-se beber suas palavras. O grande investimento do canto e de sua aprendizagem acorda-se bem com a sexualidade oral.
- ⁵ Esta expressão foi escolhida para marcar uma divergência. Ser transformado em ralo implica uma morte por balas, projéteis do sadismo anal, por excelência, na nossa cultura, lá onde os expedientes Macurap revelam o erotismo oral.

- ⁶ Compreender as culturas sexuais indígenas necessitaria de outras reflexões além da leitura destes contos traduzidos, por mais interessantes que possam ser. Nossa intenção é apenas evidenciar alguns pontos da nossa cultura a partir dos contos apresentados.
- ⁷ Nossas comidas embaladas, armazenadas em potes, pacotes, sachês, etc disfarçam, sistematicamente, tanto os objetos orais como os fecais... inodoros e insípidos, é claro, mas coloridos.
- ⁸ Vários contos descrevem uma mãe que ajuda a filha na vida doméstica. A filha mal sabe fazer chicha. A mãe fica de bunda para cima e explica à filha como a xoxota vai servir de recipiente. A mãe é colocada no fogo e a chicha é deliciosa. É a invenção do primeiro jarro... sempre movimentada, pois o genro fica sabendo desta forma da preparação de chicha.
- ⁹ Trata-se de uma planta que fornece uma tinta marrom escura para o corpo muito apreciada por várias razões, dentre as quais por não ser solúvel em água e por fixar-se por muito tempo. Vários contos associam sua descoberta a um incesto entre irmão e irmã.
- ¹⁰ Eis o número de locutores de cada povo que ainda sobreviviam em 1997: tribo Tupari, cento e oitenta; Ajuru, sete; Jabuti, cinqüenta; Arikapu, quatro; Arua, cinco.

Recebido em 05 de junho de 2007

Aceito para publicação em 25 de julho de 2007